

# A METAFÍSICA COMO FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICO-EXISTENCIAL EM KARL RAHNER

## THE AS METAPHYSICS PHENOMENOLOGY- ONTOLOGICAL IN KARL RAHNER

*Prof. Ms. Pe. Antônio Augusto Menezes do Vale\**

### **Resumo**

A compreensão da matéria não é relegada a segundo plano à metafísica rahneriana, haja vista ser um constitutivo ontológico dos seres no mundo. É impossível o conhecimento humano prescindir absolutamente do fenômeno material, pois nele se encontra a mais profunda verdade do real. Por não haver dualismo cognitivo no pensamento de Rahner, os seres são entendidos na perspectiva hilemórfica. O ser se dá por via da materialidade mundana que lhe é semelhante. O homem, o único habilitado a tematizar o ser da matéria, é dotado de sentidos especializados que o situa na história deste mundo e suas relações. É justamente na relação com todo da material-formal que experimenta o sentido fundamental da totalidade, inclusive de si mesmo como ser transcendentemente aberto ao horizonte último do ser, chamado por Karl Rahner de percepção prévia, tendo como fundamento último o Ser Absoluto, condição de possibilidade derradeira de todo conhecimento de fenômenos.

### **Palavras-chave**

Matéria, Conhecimento. Metafísica. Ser. Absoluto.

### **Abstract**

The understanding of matter is not relegated in the background to rahnerian metaphysics, given, be an ontological constitution of beings in the world. It is impossible to do without absolutely human knowledge of the material phenomenon, because it is the deepest of the real truth. Because there is no dualism in cognitive thinking Rahner, beings are considered in hylemorphic perspective. The being is through the mundane materiality that is similar to it. The man, the only one able to thematize the being of matter, is endowed with specialized senses that puts you in the history of this world and their relationships. It is precisely in relation to the whole of reality that experiences the fundamental sense of all, including himself as being transcendentally open to the wider horizon of sense of reality that Rahner calls prior perception, with the

ultimate foundation, the Absolute, condition last possibility of all knowledge of phenomena.

### **Keywords**

Matter. Knowledge. Metaphysics. Self. Absolute.

## **1 Considerações iniciais**

A Metafísica não é uma tarefa absolutamente abstrata, mas tem como ponto de partida a realidade, como experimentada por um sujeito e suas relações mundanas. Portanto, não se pode sustentar essa tese sem uma análise da matéria como ponto de partida para uma metafísica que se entende como uma fenomenologia ontológico-existencial e o que se conhece ultimamente, afirmando a realidade material como ponto de partida do próprio conhecimento.

A análise que se pretende fazer aqui tem no conceito de matéria, no sentido metafísico, sua importância central, até chegar ao senso último e fundamental do conhecimento, que se dá no horizonte último de sentido, condição de possibilidade de todo conhecimento, existente, atematica ou tematicamente, em todo ato de afirmação e negação do real. É na experiência da materialidade do espaço e do tempo que se chega ao fundamento último da totalidade do ser.

## **2 O conceito de matéria e sensibilidade**

A análise do conceito de matéria em Karl Rahner não se identifica com um estudo biológico, fisiológico ou químico da matéria, como objeto das Ciências da Natureza, mas de uma fenomenologia antropológico-metafísica. Matéria é entendida como fundamento metafísico da sensibilidade e tem raiz na Filosofia tomista. “A matéria na ontologia tomista é um constitutivo metafísico do ente indubitavelmente real, mas não observável e apreensível como objeto”<sup>1</sup>.

Tomás de Aquino elaborou uma filosofia unitária do real, onde todos os seres do mundo são constituídos essencialmente de forma e matéria, sem cair numa confusão de entender as substâncias na perspectiva monista da uniformidade, reduzindo a forma à matéria, como se ambas

---

<sup>1</sup> “La materia nella ontologia tomistica è un costitutivo metafisico dell’ente, indubbiamente reale ma non osservabile e afferabile come oggetto”. RAHNER, K. *Uditori della Parola*, trad. Aldo Belardinelli, 2ª edizione, Roma: Borla, 2006, p. 164.

não fossem distintas. Por outro lado, não recaiu no erro platônico<sup>2</sup> de separar a forma da matéria, como se a forma fosse algo que se acrescentasse à matéria. A Filosofia tomista as unifica na essência da substância composta, forma e matéria são irreduzíveis e incindíveis. A posição tomista é dual, cuja síntese está na essência do ente finito. “Resta, pois, que o nome de essência nas substâncias compostas significa aquilo que é composto de matéria e forma”<sup>3</sup>.

A condição *sine qua non* para que alguma coisa seja no mundo é sua constituição hilemórfica, embora a causa do ser finito seja a maneira informada na matéria, “daí ser preciso que a essência, pela qual a coisa é denominada ente, seja, não apenas a forma, nem apenas a matéria, mas ambas, embora, a seu modo, a forma seja causa desse ser”<sup>4</sup>.

Na perspectiva do “Doutor Angélico” a matéria é “princípio de individualização”<sup>5</sup> do ser e princípio passivo absoluto de toda possibilidade de individualização, matéria não assinalada, porque não individualizada. Sendo princípio de pura potencialidade individualizada, tem relação com o ente em sua singularidade, com a materialidade do indivíduo na história, na existencialidade e em suas dimensões determinadas.

A afirmação da dualidade de espírito e matéria, originalmente irreduzíveis, requer que a atenção seja levada imediatamente também sobre um outro par de conceitos, isto é, alma e corpo e, para colher a peculiaridade deste último a respeito ao primeiro, é necessário, antes de tudo, esclarecer qual seja a realidade do corpo quando se nos refere explicitamente ao homem, distinguindo entre corpo em sentido amplo e geral (em alemão “Körper”) e corpo propriamente humano (“Leib”)<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> Para Tomás de Aquino o erro platônico foi ter separado o universal do singular e depois ter buscado a definição do singular pelo universal. Aquilo que é separado se acrescenta e não explica o que a coisa é, como os acidentes que não têm a competência de dizer o que a coisa é na sua essência. A pergunta fundamental é onde se sustentaria a relação entre o universal e o particular nos seres singulares? Como a espécie e o gênero poderia se predicar da singularidade se não são partes constitutivas da essência do ente singular, mas acréscimos? “Do mesmo modo, também não se pode dizer que a noção de gênero ou de espécie caiba à essência, na medida em que é uma certa coisa existente fora dos singulares, como sustentavam os platônicos; pois, assim, o gênero e a espécie não seriam predicados deste indivíduo; com efeito, não se pode dizer que Sócrates seja isto que está separado dele; nem, além do mais, aquele separado traria proveito no conhecimento do singular”. AQUINO, T. De. *O ente e a essência*, Petrópolis: Vozes, 1995, p. 32.

<sup>3</sup> AQUINO, T. De. *O ente e a essência*, p. 15.

<sup>4</sup> AQUINO, T. De. *O ente e a essência*, p. 16.

<sup>5</sup> AQUINO, T. De. *O ente e a essência*, p. 17.

<sup>6</sup> “L’affermazione della dualità di spirito e materia, originalmente irreducibile ma inscindibili, richiede che l’attenzione sia portata immediatamente anche su di un’altra coppia di concetti,

A matéria no sentido geral constitui o elemento de predicabilidade de toda substância composta no geral, matéria prima. A matéria se diferencia, embora sendo a mesma, como *Körper* e *Leib*, onde a determinação, no caso do ente espiritual, é o seu aparecimento como ser histórico finito e transcendental, porque faz história na história, transcendendo-a.

Denomino matéria assinalada a que é considerada sob dimensões determinadas. A matéria não assinalada é posta, no entanto, na definição do homem. De fato, não se põe na definição do homem esta carne e este osso, mas carne e osso de maneira absoluta, os quais são a matéria não assinalada do homem<sup>7</sup>.

Rahner reafirma e aprofunda o conceito tomista de matéria. Na perspectiva desse filósofo, consoante a ideação tomista, ela é indeterminada e vazia, não possui entidade. É princípio de passividade, fundamento da natureza receptiva do ente finito.

Aquele não-ente real tal que o seu ser é um ser separado por si mesmo se chama tomisticamente MATÉRIA PRIMA. Uma consciência receptiva é, portanto, essencialmente concebível somente como ser de um material, é sensibilidade<sup>8</sup>.

Ela é *supositum* da quiddidade, indeterminado e indiferente, razão pela qual é possível falar das múltiplas manifestações da essência, ou seja, da repetibilidade do mesmo, predicando o uno no múltiplo. A individualização da essência na matéria é irrepitível, porque, com a individualização essencial, há, constitutivamente, os acidentes que são diversos, próprios de um ser específico e a diversidade dos seres de uma mesma identidade ontológica.

A matéria é, portanto, o *principium individuationis* não enquanto princípio de uma irrepitibilidade essencial (definível), mas enquanto princípio do múltiplice desmembramento do idêntico<sup>9</sup>.

---

ciòè anima e corpo, e per cogliere la peculiarità di quest'ultima rispetto alla prima è necessario anzitutto chiarire quale sia la realtà del corpo quando si ci riferisce esplicitamente all'uomo, distinguendo tra corpo in senso ampio e generale (in tedesco 'Körper') e corpo propriamente umano ('Leib')". SALATIELLO, G. *Tempo e vita eterna*, Roma: Gregoriana, 2006, pp. 31-32.

<sup>7</sup> AQUINO, T. De. *O ente e a essência*, p. 17.

<sup>8</sup> "Quel non-ente reale tale che il suo essere è un essere separato da se stesso, si chiama tomisticamente MATERIA PRIMA. Una conoscenza ricettiva è quindi essenzialmente concepibile solo come di un materiale, è sensibilità". RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, trad. Massimo Marassi, Milano: Vita e Pensiero, 1989, p. 81.

<sup>9</sup> "La materia è quindi il principio di una irrepitibilità essenziale (definibile) ma in quanto principio del multiplice smembramento dell'idêntico" RAHNER, K. *Uditori della Parola*, pp.

## 2.1 A matéria informada como fenômeno do conhecimento antropológico do ser

O homem é um ser autorreflexivo, retorna a si mesmo, atingindo consciência de si como natureza espiritual transcendentalmente aberta ao ser em sua totalidade, à verdade ontológica dos entes, à estrutura do mundo material. A transcendência humana é realizada no mundo que não lhe é estranho, porque tudo o que está no seu horizonte de conhecimento é matéria informada, portanto, seu modo de conhecer é mediado pela matéria. O conhecimento se dá pela apreensão do ser do ente material, daí afirmar ser receptivo o conhecimento. O homem não é natureza pura, consciência solipsista “em-si-mesmada”, mas movimento de êxodo (*exitus*), de saída de si ao mundo e retorno a si (*reditus*), movimento de objetivação do mundo e do cognoscente que no ato de conhecer é conhecido. A saída de si é possível, porque na constituição essencial do homem a matéria entra em sua definição, que é meio para o conhecimento. A afirmação da matéria como princípio constitutivo humano ocorre por dedução transcendental, onde, por meio da autorreflexividade, compreende-se, por si própria, como pertencente ao mundo, pela saída intencional de si a algo que está fora de si. Esta saída é possível, porque o que está fora de si lhe é consubstancial, ou seja, material. Há uma identidade de princípio no homem e no mundo, ambos são essencialmente materiais. Portanto, aquilo que está fora de si do homem é o seu outro de si, porém, ontologicamente diferentes.

[...] a auto-reflexividade humana é, sempre e fundamentalmente, volta a si a partir de uma saída para o outro de si; seu primeiro objeto de conhecimento é a alteridade, da qual ele retorna a si. Por isto é que o homem deve ser um ente, cujo ser é o ser de uma possibilidade vazia de ser distinto dele. O homem existe como cognoscente receptivo e precisamente enquanto seu conhecimento não é posse apriórica de si mesmo, mas recepção de um objeto, ele é ser da matéria. Tal conhecimento se denomina conhecimento sensível e, assim, atinge Karl Rahner um conhecimento metafísico, transcendentalmente mediado da sensibilidade humana<sup>10</sup>.

A sensibilidade é essencialmente material e apreende no material a espécie sensível, sua forma. Para Tomás de Aquino, “o sentido é o interme-

---

169-170. “[...] qui, la potenza passiva è aperta ad una possibilità indefinita di determinazioni”. MARÉCHAL, J. *Il punto di partenza della Metafisica*, Milano: Vita e Pensiero, 1995, p. 116.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner*, São Paulo: Loyola, 1984, p. 186.

diário entre o intelecto e as coisas”<sup>11</sup>. Fundamentado por esta compreensão, Rahner assevera que o homem é um ser junto-a-si na alteridade, junto-a-si do ser formal de um ente material. O objeto próprio (*objectum proprium*) da alteridade do ser do homem e do mundo é material, por isso é da natureza humana ser no mundo com o outro, igualmente material na sua individualidade. A apreensão do outro se dá nessa relação.

A realidade é material, porém a individualização decorre da subsistência da forma na matéria. O espírito finito é aberto, não a um mundo absolutamente estranho a si, porque, mesmo os seres infra-humanos sendo diferentes do ser humano, há o princípio material que lhes é comum. O conhecimento sensível ocorre, por um lado, pela passividade da sensibilidade afetada pelos objetos no mundo, por outro, mediante a ação intelectual do paciente que, depois de receber os dados diversos dos sentidos, os unifica por meio da imagem, oferecendo à inteligência o substrato da abstração intelectual que é a espécie sensível<sup>12</sup>, “a capacidade de conhecimento sensível é ser da matéria”<sup>13</sup>.

O apreendido pela passividade dos sentidos<sup>14</sup> e a atividade interna da sensibilidade produzem, não no sentido meramente kantiano, a espécie sensível, a autorrealização da sensibilidade e do objeto sensível, porque, mais do que uma cópia dos dados do mundo, a espécie sensível contém em si a matéria, no seu sentido metafísico, “[...] resulta que a espécie (impressa) é ao mesmo tempo a auto-realização da sensibilidade na alteridade da matéria e a auto-realização do objeto sensível”<sup>15</sup>.

A sensibilidade é uma realidade que, estando no mundo, é dialéticamente ato da matéria e ato contra a matéria, onde a síntese é a posse da realidade sensível. Tal posse não pode ser entendida como a mera ação do objeto sensível sobre os sentidos, como se objetos lhe penetrassem de forma maneira misteriosa, mas porque a sensibilidade, sendo ato da matéria,

---

<sup>11</sup> “il senso è intermedio tra l’intelletto e le cose”. D’AQUINO, T. *Sulla Verità*, q. 1, a. 11.

<sup>12</sup> O *Sensus Communis* ou a consciência sensível é a “consciência das atividades de cada um dos sentidos, mas também ele os aproxima e compara coisa que os sentidos particulares, cercados pelos limites dos seus objetos próprios, evidentemente não produzem”. GARDEIL, Henri-D. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Psicologia e Metafísica*, São Paulo: Paulus, 2013, p. 70.

<sup>13</sup> “la capacità di conoscenza sensibile è essere della materia”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 91.

<sup>14</sup> “Por onde é claro que, na parte nutritiva, todas as potências são ativas; porém, na sensitiva, todas passivas”. AQUINO, T. *Suma teológica*, I, q. 79, a. 3; ID., *Sulla Verità*, q. 26, a. 3.

<sup>15</sup> “[...] risulta che la *species* (impressa) è nello stesso tempo l’autorealizzazione della sensibilità nell’alterità della materia e l’autorealizzazione dell’oggetto sensibile”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 92.

é essencialmente saída do espírito finito no mundo e o início de retorno a si da consciência reflexa, que se dá no ato contra a matéria como apreensão da quiddidade material. A reflexão assim disposta poderia levar ao erro de pensar que *exitu* e *reditus* são dois momentos separados e isolados. Na verdade, esses momentos são um só processo mais amplo e omniabrangente, o da autorreflexividade, da *reditio in se ipsum*. Esses dois momentos fazem parte do processo intelectual da abertura transcendental do espírito finito, tendo no *Intellectus Agens* e no *Intellectus Possibilis* o seu fundamento, cuja finalidade é a abstração do universal no particular.

Por isso, em última análise, o objeto sensível não penetra ao interno da sensibilidade, mas a sensibilidade enquanto *actus materiae* é já sempre saída na exterioridade do mundo e, enquanto *actus contra materiam*, é sempre de uma potência de ser tal que isto que entra no seu *medium* é por isto já reflexo em si, é consciente e significa apenas uma delimitação formal daquela posse do mundo que a sensibilidade é já sempre mediante seu ser<sup>16</sup>.

## 2.2 O espaço e tempo como estruturas aprióricas da sensibilidade

### 2.2.1 O espaço

Para Rahner, o homem possui uma estrutura cognoscitiva em seu ser capaz de conhecer a si e ao mundo, pois tudo o que está no seu horizonte de conhecimento possui uma estrutura cognoscitiva em seu ser. "Isto implica que na estrutura que no ser de um cognoscente é estabelecido a priori que coisa pode conhecer"<sup>17</sup>. As leis aprióricas do conhecimento humano, a sua estrutura ontológica, "é a lei a priori dos seus possíveis objetos"<sup>18</sup>. O conhecimento é a síntese da ação do objeto nos sentidos e a ação unificadora do sujeito nas suas estruturas aprióricas, que parte da sensibilidade e se faz complexa no intelecto. Se o conhecimento é a unificação do cognoscente e do cognoscível, porque a estrutura de ambos é aberta ao conhecimento, o objeto e o cognoscente possuem a mesma estrutura fundamental, ou seja, ser e conhecer se identificam.

---

<sup>16</sup> "Per questo, in ultima analisi, l'oggetto sensibile non penetra all'interno della sensibilità, ma la sensibilità, in quanto *actus materiae* è già sempre uscita nell'esteriorità del mondo e, in quanto *actus contra materiam*, è sempre di una potenza d'essere tale che ciò che entra nel suo *medium* è per questo già riflesso entro sé, è cosciente e significa soltanto una delimitazione formale di quel possesso del mondo che la sensibilità è già sempre mediante il suo essere". RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 95.

<sup>17</sup> "Questo implica che nell'essere di un cognoscente è stabilito a priori che cosa può conoscere". RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 97.

<sup>18</sup> "alla legge a priori di suoi possibili oggetti". RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 97.

Porque o a priori do conhecimento é fundado na estrutura do ser e porque uma unificação conforme ao ser de conhecer e conhecido deve respeitar necessariamente no seu ser a legalidade interna do conhecido, o a priori do conhecimento não obscurece a natureza dos objetos possíveis, mas o tem já sempre desvelada<sup>19</sup>.

O que quer dizer a afirmação do espaço como uma estrutura a priori do sujeito? A espacialidade é possível pela determinação da forma na matéria, portanto, todo ser que possui na sua constituição interna a matéria é essencialmente espacial.

Os seres finitos estão no horizonte da potencialidade infinita da matéria. Por possuírem, no entanto, uma forma, não se perdem num devir cego, sendo estruturas abertas à experiência do ser espiritual finito, cuja estrutura é possibilidade infinita de conhecimento, em razão da sua abertura ao horizonte infinito do ser. A experiência do conhecimento de um objeto no mundo é a limitação dessa potência ilimitada apriórica que parte da sensibilidade aberta à materialidade do mundo. “A sensibilidade é *actus materiae*. A lei a priori dos seus possíveis objetos se determina por isso a partir do seu quantitativo. Essa é a faculdade do idêntico múltiplice e do espaço como tal”<sup>20</sup>. Afirmar que a sensibilidade é espacialidade não significa dizer que o espaço é intuído como “objeto” entre os outros, por meio dos sentidos externos, mas o é pela quantidade material limitada, ou seja, do movimento, extensão, figura, no sujeito. “O quantitativo é, portanto, um sensível comum”<sup>21</sup>.

A sensibilidade em si é material, porém não se reduz apenas aos sentidos externos, mas aos internos, que são a raiz da receptividade do mundo pela exterioridade dos sentidos. “Por este motivo isto que se podia chamar forma a priori da sensibilidade no geral, pode-se agora afirmar de

---

<sup>19</sup> Poichè l'a priori della conoscenza è fondato nella struttura dell'essere e poichè una unificazione conforme all'essere di conoscere e conosciuto deve rispettare necessariamente nel suo essere anche la legalità interna del conosciuto, l'a priori della conoscenza non adombra la natura degli oggetti possibili, ma ha già sempre disvelata” RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 97-98.

<sup>20</sup> “La sensibilità è *actus materiae*. La legge a priori dei suoi possibili oggetti si determina perciò a partire dal suo essere quantitativo. Essa è la facoltà dell'identico múltiplice e dello spazio come tale”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p.102.

<sup>21</sup> “Il quantitativo è dunque un sensibile commune” RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 103. Tomás de Aquino a respeito dos sensíveis comuns afirma: “A grandeza, a figura e atributos semelhantes, chamados sensíveis comuns, são meios entre os sensíveis por acidente e os sensíveis próprios, objetos dos sentidos”. AQUINO, T. De. *Suma Teológica*, I, q. 78, a.3, ad. 2.



sua raiz, a *imaginatio*"<sup>22</sup>. A totalidade dos sentidos internos é a imaginação que, segundo Rahner, é a forma da sensibilidade e intuição pura da espacialidade. "Enquanto realidade já sempre acabada, a *imaginatio* é, portanto, a intuição pura da espacialidade ilimitada"<sup>23</sup>. A imaginação é a raiz dos sentidos externos e a totalidade dos sentidos internos, forma da sensibilidade que transcende ao *sensus communes*, porque não é a síntese das diversas impressões externas dos sentidos, mas a faculdade, em cuja totalidade está inclusa a memória que oferece diretamente ao intelecto os *phantasmas, actus contra materiam*, objetos do pensamento. A imaginação é intuição pura da espacialidade da multiplicidade do idêntico, por causa do seu princípio metafísico material, enquanto o espaço é sua forma a priori, "a forma a priori da *imaginatio* como faculdade fundamental da sensibilidade em geral é a espacialidade dos muitos idênticos em força da sua dimensão quantitativa material"<sup>24</sup>.

## 2.2.2 O tempo

Assim como o espaço, Rahner entende o tempo em relação interna com a matéria. A matéria prima é potencialidade pura, princípio metafísico do tempo, puro devir, possibilidade transcendental e indeterminada da autoexpressão formal. Essa possibilidade indeterminada, em força da passividade material potencialmente aberta à autoexpressão formal, funda uma diversidade entitativa e o movimento temporal. Nenhum ente, resultante da assinalação da matéria pela forma, exaure toda possibilidade de expressão de seu ser, fazendo do movimento algo indeterminado e criativo. "A quiddidade determinada, que subsiste na matéria, não exaure a sua vastidão"<sup>25</sup>.

Existe uma finalidade intrínseca a todo processo de devir no mundo. A forma se expressa na matéria e por ela, de acordo com sua espécie, onde cada gênero é a realização determinada da finalidade intrínseca de cada ser.

---

<sup>22</sup> "Per questo motivo ciò che si poteva chiamare forma a priori della sensibilità in generale, si può ora affermare della sua radice, l'*imaginatio*" RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 105.

<sup>23</sup> "In quanto realtà già sempre compiuta, l'*imaginatio* è dunque l'intuizione pura della spazialità illimitata". RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 105.

<sup>24</sup> "La forma a priori dell'*imaginatio* come facoltà fondamentale della sensibilità in generale è la spazialità dei molti identici in forza della sua dimensione quantitativa materiale" RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 105.

<sup>25</sup> "La quiddità determinata, che sussiste nella materia, non esaurisce la sua vastità". RAHNER, K. *Uditori della Parola*, p. 172. "Por essa razão, o ser material é marcado por um movimento interno, uma vez que sua possibilidade de ser nunca se realiza de uma só vez, mas se lhe apresenta como um futuro em direção do qual ele será a caminho" OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião. Ensaio sobre a filosofia da religião em Karl Rahner*, p. 189.

Cada ser no mundo realiza seu fim de acordo com sua forma de maneiras diversas. Mundo é compreendido como a síntese de determinação e indeterminação, deixando uma grande margem para se pensar o acaso como um princípio metafísico.

O tempo é a compreensão metafísica de que todo os entes mundanos são intrinsecamente temporais, por causa da materialidade que lhes é essencial, não uma medida meramente exterior que lhes é acrescentada. “Devemos, portanto, dizer que o ente material tem um caráter intrinsecamente temporal”<sup>26</sup>.

### **3 A Abstractio intelectual como *Actus materiae et oppositio mundi***

O homem pensa verdadeiramente imerso e transcendendo à história. É o caráter dual do *actus materiae et oppositio mundi*. No que consiste, consiste este estar além do mundo simplesmente dado?

*Abstractio intellectualis* é o ato de pensar, que “significa separar, arrancar. Então, no conhecimento, abstração é a separação da ‘quididade’ (*Washeit*), dada na sensibilidade”<sup>27</sup>. Portanto, “mediante o pensamento é possível a experiência humana de um mundo objetivo. Portanto, o nosso problema se volta a um conhecer humano como um conhecer mediante o pensamento: *oppositio mundi*”<sup>28</sup>.

A sensibilidade é o meio entre o distanciar-se do mundo e o perder-se nele. O homem, como ser histórico, experimenta pela sensibilidade o mundo como seu objeto, *actus materiae*. Já o ato de objetivar o mundo é abstração. Este movimento de objetivação se dá no retorno do sujeito sobre si mesmo, implicando dois momentos simultâneos: experiência reflexiva de si como sujeito e, ao mesmo tempo, retorno do sujeito ao objeto, elevando-o à universalidade do pensamento, porque no conhecimento de si está implicado o conhecimento do mundo e vice-versa. O que significa esta objetivação dos próprios objetos sensíveis do mundo? Os dados do mundo, uma vez experimentados pelo homem, tornam-se imagens cognitivas, *phantasmas*, onde o objeto ainda está mesclado com suas acidentalidades. Objetivação é a

---

<sup>26</sup> “Dobbiamo perciò dire che un ente materiale ha un carater intrinsecamente temporale”. RAHNER, K. *Uditori della Parola*, p. 173.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *É necessário filosofar na teologia: unidade e diferença entre Filosofia e Teologia*, p. 215, in: OLIVIERA, P. R. F. De. – CLÁUDIO, P. *Karl Rahner em perspectiva*, Loyola: São Paulo, 2004.

<sup>28</sup> “mediante il pensiero diventa possibile l’esperienza umana di un mondo oggettivo. Quindi il nostro problema è rivolto a un conoscere umano come un conoscere mediante il pensiero: *oppositio mundi*”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 117.

distinção de um *quid*, a unidade na multiplicidade de seres, daquilo que pode ser predicado de muitos sujeitos, princípio universal no particular.

O processo abstrativo é constituído por esses dois movimentos distintos, porém simultâneos, *conversio ad phantasma et aversio a phantasmate*. O primeiro é o retorno do sujeito sobre a imagem cognitiva e sua indiferenciada constituição, enquanto o segundo é o movimento de separação da forma dos acidentes materiais.

[...] *conversio ad phantasma* como processo do conhecimento humana tem sentido somente se é precedido por um *aversio a phantasmate*, pois a sensibilidade tem sempre o significado de ser junto ao *phantasma*, junto ao mundo<sup>29</sup>.

O pensamento abstrativo opõe o sujeito ao objeto, abstraindo a forma universal do dado material. A abstração é pensar por meio de conceitos e, isto significa pensar aquilo que é predicado de muitos a um-isto-aqui-no-mundo. A possibilidade de conhecer o particular, o seu significado, ocorre quando se distingue o predicado universal do *suppositum*. Pode-se afirmar que o não concreto se torna objeto do pensamento por intermédio do concreto. A abstração, como experiência transcendental da forma universal, é possibilitada pela não exauribilidade do universal no particular, portanto, o pensamento está no horizonte da infinitude, “a abstração se manifesta como a revelação da infinitude da forma dada na singularidade, uma vez que ela emerge como determinação possível também de outros singulares”<sup>30</sup>.

O objeto é conhecido não apenas fenomenologicamente, em sua finitude e efemeridade, mas se conhece também sua estrutura fundamental, ontológica. O conhecimento é um “Isto” referido a “algo” no mundo. É transcendentalmente mediado espaço-temporalmente. A separação abstrativa no entanto, nunca pode ser um desfazer-se do mundo em sua concretude, porque os conceitos universais mantêm seu referimento a algo existente, no ato judicativo.

Os conceitos universais, o em-si do ente e de seus acidentes, têm como possibilidade o horizonte, no qual, estão e são mantidos em seu ser. Nenhum conceito em sua universalidade exaure o horizonte ilimitado e vasto do ser experimentado pelo homem quando pergunta pelo sentido da

---

<sup>29</sup> “[...] *conversio ad phantasma* come processo della conoscenza umana ha senso solo se è preceduta di una *aversio phantasmate*, perchè la sensibilità ha sempre significato esse presso il *phantasma*, presso il mondo”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 118.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e Religião*. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner, p. 131.

totalidade do mundo. Neste sentido, perguntar é fazer a experiência transcendental da vastidão do ser como condição de possibilidade de se afirmar o que um ser é nele mesmo, ou seja, a sua mesmidade. Perguntar pelo sentido do mundo, que é a experiência originalmente atemática do homem, é possível pela percepção prévia do horizonte infinito do ser como sua condição de possibilidade.

#### 4 Percepção prévia (*Vorgriff*), o “para onde” da “*abstractio*” intelectual

A palavra alemã *Vorgriff* (*Vorgreifen*) é traduzida como percepção prévia e significa literalmente pré-captação, pré-apreensão, antecipação, saber prévio. Esse conceito é fundamental na Filosofia rahneriana. O conhecimento é possível, porque ocorre ao interno da *Vorgriff*. “A percepção prévia, enquanto tal, não é, portanto, um conhecimento a priori de um objeto, mas o horizonte – dado com a essência do homem e este sentido a priori”<sup>31</sup>.

O homem faz experiência do conhecimento dos entes no mundo como a síntese da sensibilidade e o ser que se expressa neles, portanto, ao se dirigir aos entes, se dirige a um existente, cuja essência não radica plenamente na finitude histórica, pela impossibilidade da identificação plena entre ser, essência e existência do ente concreto. Quando pergunta sobre algo no mundo, seu ato de indagar está intencionalmente voltado para a *ipseidade* do perguntado, para aquilo que faz o existente ser o que é. “O homem pensa e interroga a si e o próprio mundo à luz do ser, como algo que é”<sup>32</sup>.

O dirigir-se “a” é possível, porque todos os entes no mundo estão fixados no horizonte da totalidade do ser, portanto todas as quiddidades se expressam nos entes finitos, fundamentadas pela totalidade infinita do ser, captada pelo espírito finito, quando afirma que tudo é e que tudo possui ser. Neste sentido, a percepção prévia é o “espaço” onde todos os entes são captados em sua especificidade formal, em sua *ipseidade*, “o espaço apriorístico onde a aposterioridade se pode revelar em sua especificidade”<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> “La percezione previa in quanto tale non è perciò una conoscenza a priori di un oggetto, ma l’orizzonte – dato con l’essenza dell’uomo e in questo senso a priori”. RAHNER, K. *Uditori della Parola*, p. 186.

<sup>32</sup> “L’uomo pensa e interroga sé e il proprio mondo alla luce dell’essere, come qualcosa che è”. WELTE, B. *Dal nulla al mistero assoluto*, Genova-Milano, 1985, p. 8.

<sup>33</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião*. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner, p. 133.

A percepção prévia é a precognição do ser em sua omniabrangência, verdadeiro, absoluto, idêntico a si mesmo, condição de possibilidade da cognição de toda forma de ser, identidade absoluta de essência e existência, no qual todos os entes são fixados e participam. Essa precognição, pré-compreensão, antecipação é a circunstância de possibilidade da autocompreensão como espírito, abertura transcendental, mas, ao mesmo tempo é co-sabida em cada ato do conhecimento. Em cada ato do conhecimento, há uma noção apriórica do infinito como condição última de possibilidade da afirmação da finitude do conhecimento do mundo. Qual a importância da compreensão do mundo como finito para a Metafísica?

A afirmação da finitude do mundo é a consciência de que nenhum ser no mundo é o ser em sua totalidade, mas participa dele com sua condição transcendental. Rahner chama esse movimento de captação do infinito, na experiência do limite, de *excessus*, encontrado na obra de Tomás de Aquino, mas identificando-o com a *Vorgriff*. Esse movimento de transcendência do singular é a experiência da negação da limitação, mas, ao mesmo tempo, é positivo, porque a negação é a afirmação do ente no ser, *inesse*.

A *Vorgriff* é a antecipação do inobjetivável, porque se refere à condição de possibilidade de toda objetivação conceitual, inclusive da subjetividade conceituante e sua transcendentalidade. Se houvesse a possibilidade de objetivá-la, não seria o horizonte, porque a própria objetivação o requer com sua condição de possibilidade, levando a um *regressus ad infinitum*. “O que foi mencionado, e que é fundamental, é que este ‘para onde’ não pode ser um objeto, já que a antecipação é a condição apriórica de possibilidade do conhecimento objetivo”<sup>34</sup>.

O horizonte prévio é o “lugar” metafísico do encontro do homem consigo mesmo e com a estrutura do mundo. Como, entretanto, se sabe desse horizonte prévio? Na reflexão transcendental, é possível a captação do inobjetivável no objetivado, não sendo um objeto espaço-temporal, um ente entre os outros, mas podendo ser pensado como condição transcendental fundamental de todo pensamento. Por isso, a antecipação prévia do ser é o para onde, *reditio*, e sua condição de possibilidade, “[...] o horizonte da antecipação deve ser representado (designado) como um objeto, mesmo se não deve ser entendido (afirmado) como tal”<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião*. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner, p. 134.

<sup>35</sup> “[...] l’orizzonte dell’anticipazione deve essere rappresentato (designato) come un oggetto, anche se non deve essere inteso (affermato) come tale”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 141.

A *Vorgriff* manifesta o co-sabido do sabido, condição infinita e omniabrangente de possibilidade de todas as possibilidades, portanto, nunca exaurido, que funda a dinâmica da existência e do conhecimento.

## 5 O Ser Absoluto da percepção prévia

O ser absoluto é o para onde da percepção prévia e condição de possibilidade da experiência transcendental dos objetos no mundo, fundamentando a espiritualidade, definida como abertura transcendental ao horizonte infinito do ser. Não há ser humano sem essa abertura transcendental e isto caracteriza a profundidade do seu ser, porque sua transcendência não se dirige ao nada. “Pensar é pensar uma coisa que vai pensada no âmbito da oferta de verdade e de ser”<sup>36</sup>. Não há possibilidade da espiritualidade ser aberta ao nada absoluto, porque a afirmação de tal experiência, além de contraditória é absurda, haja vista, que todo ato judicativo ser resultante de uma relação do pensamento a uma existência real.

O ser humano, pela reflexão transcendental, experimenta o infinito em cada ato de afirmação e negação do finito, o ser comum é absolutamente diferente de todos os entes, estando e transcendendo à totalidade do mundo, causa da diferenciação dos seres particulares e sua gradualidade ontológica, condição de possibilidade da unidade e da diferença entre os seres no mundo.

O ser é a universalidade meta-categorial, porque fundamento de todas as determinações entitativas. Tudo que pode ser dito de um ente não foge do horizonte fundante do ser. O juízo intelectual afirma isso: além de ser uma atribuição de um predicado universal a vários sujeitos singulares, como expressão de sua dinâmica interna, a um *suppositum*, é também a afirmação de uma universalidade. Mas, isto não é suficiente, este universal que se singulariza como ente concreto faz referência a um em-si, ou seja, é ser, um isto, um existente. O ser particularizado pelas universalidades dos entes é o que dá sentido último a todas as determinações como ato de ser das essências, *actus essendi essentiae*, princípio universal da unidade na diversidade. “Um tal ser é propriamente uno e múltiplo”<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> “Pensare è pensare una cosa che va pensata nell’ambito dell’offerta di verità e di essere”. WELTE, B. *Dal nulla al mistero assoluto*, p. 8.

<sup>37</sup> “Un tale esse è propriamente uno e molteplice”. RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 166.

Todas essencialidades são relativas ao ser, recebem do ser a sua atualidade e compreensão, portanto, o conceito de ser aqui tratado é ser absoluto, ente de posse absoluta de ser, princípio absoluto de toda essencialidade do mundo, o mais rico e perfeito que há, fundamento e condição de toda possibilidade da totalidade dos seres particulares, co-afirmado em todo juízo humano. Isto revela a polaridade do conhecimento judicativo do homem: afirmando o finito, afirma necessariamente, atemática e inobjetivamente o absoluto como condição de possibilidade de todo afirmar finito.

O movimento se faz entre uma dupla polaridade: a infinitude enquanto tal, percebida atematicamente e os conteúdos finitos, que são seus objetos temáticos e, nesta perspectiva, o conhecimento humano se manifesta como círculo relacional entre infinitude e finitude<sup>38</sup>.

O ser absolutamente universal é absolutamente transcendente, sem deixar de ser o mais íntimo ao mundo, porque é horizonte de toda experiência e compreensão do finito, fundamento fundante de toda realidade, o não abarcável em sua totalidade. “Nós dizemos apenas: a afirmação da limitação real de um ente tem por condição a antecipação do ser que implica também um ser absoluto”<sup>39</sup>. Diante dessa perspectiva não se poderia afirmar o ser absoluto em Rahner como mistério absoluto, mesmo em linguagem filosófica? Afirmado como ser absoluto, não se poderia afirmar, em filosofia, a possibilidade de sua revelação na história? Admitida essa possibilidade a Metafísica se tornaria Filosofia da Religião que dialogaria fundamentalmente com a Teologia Revelada, manifestando que a razão é um momento fundamental da fé e não um acréscimo a ela.

## 6 Considerações finais

O pensamento de Rahner é um resgate da metafísica, mas em relação profunda com a antropologia de caráter ontológico-existencial. O que faz o homem não ser apenas mais um ser entre os outros no mundo, caracterizado simplesmente por suas necessidades biológicas, é sua natureza espiritual, uma natureza no mundo, encarnada, o que lhe faz pertencente à história e transcendê-la.

A demonstração dessa espiritualidade, definida como abertura transcendental ao ser, é a pergunta. Perguntar é se experimentar como um

---

<sup>38</sup> OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner*, p. 139.

<sup>39</sup> “Noi invece abbiamo detto soltanto: l’affermazione della limitazione reale di un ente ha per condizione l’anticipazione dell’esse, che implica anche un esse *absolutum*” RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, p. 175.

ser cognoscente que se lança a algo concreto, no mundo. Quem pergunta, pergunta por algo e não nada, caso contrário, nenhuma pergunta poderia ser feita. Ora, o homem pode perguntar sobre tudo que está no seu horizonte de conhecimento, logo tudo que pode ser perguntado é ser. Admite-se o ser como condição de possibilidade de sua transcendência, pressupondo que nenhum ente que está no horizonte da pergunta consegue exaurir a totalidade do ser. Essa afirmação leva a assumir a existência do ser, aberto ao conhecimento humano e fundamento de todo conhecimento possível e, o homem, transcendentalmente aberto ao ser, coincidindo ser e pensar. Portanto, a metafísica é um saber finito sobre o infinito do ser, devido a limitação humana de abarcar toda a vastidão do real.

O ser tematizado pelo ato de perguntar é o horizonte último, onde o homem se auto-interpreta e interpreta todos os outros seres no mundo. Desta forma, a filosofia de Rahner se transforma em um forte questionamento ao relativismo, bastante pungente no desenrolar do século XX, tornando-se uma verdadeira reviravolta antropológica do pensar rumo ao ser.

### Referências Bibliográficas

AQUINO, T. De. *Suma teológica I, II*, edição bilíngue, Rio Grande do Sul, 1980.

\_\_\_\_\_. *O ente e a essência*, Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sulla Verità*, edição bilíngue, texto latino a frente, Milano, 2008.

GARDEIL, HENRI-D. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia e metafísica*, São Paulo: Paulus, 2013.

MARÉCHAL, J. *Il punto di partenza della metafísica*, Milano: Vita e Pensiero, 1995.

OLIVEIRA, M. A. De. *Filosofia transcendental e religião. Ensaio sobre a filosofia da religião em Karl Rahner*, São Paulo: Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. *É necessário filosofar na teologia: unidade e diferença entre filosofia e teologia*, p. 201-218, in: OLIVIERA, P. R. F. De. – CLÁUDIO, P. *Karl Rahner em perspectiva*, Loyola: São Paulo, 2004.

RAHNER, K. *Spirito nel mondo*, trad. Massimo Marassi, Milano: Vita e Pensiero, 1989.



\_\_\_\_\_. *Uditori della Parola*, trad. Aldo Belardinelli, 2ª edizione, Roma: Borla, 2006.

SALATIELLO, G. *Tempo e vita eterna*, Roma: Gregoriana, 2006.

WELTE, B. *Dal nulla al mistero assoluto*, Genova-Milano, 1985.

*\*Prof. Ms. Pe. Antônio Augusto Menezes do Vale*  
Mestre em Filosofia pela Università Gregoriana di Roma,  
tendo obtido reconhecimento de título pela Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ.  
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.